

BRINCANDO COM A PAISAGEM: UMA EXPERIÊNCIA EM CARTOGRAFIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Vanesca Cabral Corrêa¹ - UDESC – vanesca.correa@edu.udesc.br

INTRODUÇÃO

Atuando como docente no ensino de Geografia venho observando dificuldades dos alunos para compreender os mapas geográficos, e utilizá-los como forma de possíveis interpretações da realidade.

Na busca de tentar sanar estas dificuldades levei para a Escola de Educação Básica Cônego Rodolfo Machado na cidade de Biguaçu/SC uma experiência que partiu da iniciativa de oferecer aos estudantes uma proposta que difere da Cartografia Escolar² nas turmas de 6ºs anos. Um dos objetivos da Geografia Escolar no ensino básico é de fazê-los compreender o local onde vivem e as relações entre sociedade e natureza. A Cartografia na escola introduz os mapas na vida do aluno, de maneira a instrumentalizar a forma de representação do espaço geográfico e seus fenômenos a partir dos conceitos de escala, proporção e projeção.

O NASCER DE UMA IDEIA

Ingressei na Geografia em 2002 e terminei minha licenciatura em 2008 na UDESC. A partir de então iniciei a saga de ser professora.

Entre os anos de 2008 e 2013 fui professora temporária pelo Governo do Estado de Santa Catarina, e estive em diversas escolas pela Grande Florianópolis, trabalhei em muitas cidades, como Biguaçu, São José, Palhoça e Florianópolis, em todas elas com turmas que iam desde o 6º ano até a 3ª série do ensino básico.

Muitas vezes trabalhei por até sessenta horas semanais, passando o dia e a noite na escola, de segunda a sexta-feira, e os finais de semana que restavam, era para correção de atividades avaliativas.

A Geografia me fascina desde meu ingresso na Graduação em 2002, a tentativa de entender o espaço e suas formas e transformações; estar ensinando e aprendendo Geografia com os estudantes me fazem amar a minha profissão.

E nas turmas de sextos anos finais encontrei meu maior encantamento. É nesta etapa que se trabalha os conceitos geográficos, como espaço, lugar e paisagem. Nas aulas associamos esses conceitos com o espaço vivido dos estudantes, ou seja, analisando a cidade em que estou trabalhando e inserindo os conceitos a partir das respostas dos alunos. Sendo as aulas uma contextualização dos conceitos a partir do espaço vivido pelos estudantes. Mas como em pleno século XXI não é possível se abrigar em um cantinho acolhedor, uma turma ideal, numa escola ideal com alunos ideais e assim, só então, iniciarmos as

¹ Professora da EEB Cônego Rodolfo Machado em Biguaçu e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UDESC na linha Educação, Comunicação e Tecnologia, sob orientação da Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve.

² Inspirada em Karina Dal Pont e seus escritos, principalmente o “Colômbia de Férias faz a Cartografia Brincar”, e nos textos discutidos nas aulas de Cartografia Intensivas em Educação, ministrada pela Prof. Dra. Ana Maria Hoepers Preve tento uma brincadeira, desmanchando o sentido pronto e obrigatório da Cartografia imposta, consolidada nos 6ºs anos.

nossas ideias e projetos, como explana Guimarães (2016, p. 90), podemos construir um começo com o que temos em mãos e pensar com a potência do ruído, nunca cessado, e assim refletirmos sobre o que pode e se passa despercebido no nosso dia a dia, mas que ressoa com vida e intensidade, sendo uma ideia inicial para se pensar a prática geográfica escolar juntamente com a possibilidade da criação ou invenção de espaços dentro de outros espaços conforme trabalha Preve (2012, p. 50).

E neste ressoar, encontro-me diante da oficina intitulada *Geografia Experimental do Corpo*³, ofertada por Ribeiro⁴ em 2014, sendo este o meu primeiro passo para mudar o olhar dentro de sala de aula.

A oficina fez vibrar em mim uma outra forma ainda incerta, uma ideia, uma possibilidade de fazer uma outra Geografia, uma Geografia que fizesse os mapas serem chacoalhados e suas linhas cartesianas se moverem no sentido das intensidades que ocorreriam a partir dali. (CAZETTA e PREVE, 2016)

Início em 2016 como aluna especial no Mestrado em Educação. O primeiro passo para entender essa ressonância dentro de mim é essa ideia diferente que estava de certa forma me fazendo pensar sobre as minhas práticas.

Realizo então duas disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Educação/FAED/UDESC *Oficinas: educação como prática de Liberdade e Cartografias Intensivas na Educação*, ambas ministradas pela Dr^a. Ana Maria Hoepers Preve.

Imagem 1



Fonte: arquivo da autora.

Nas aulas apresentamos a intensidade de nossos projetos, dando voz as pesquisas, não somente representando, mas apresentando de uma forma que a pesquisa pudesse dizer o que tem a dizer ao mundo, o que diz a nós, criando um

³ Maiores informações de como estas oficinas foram construídas:

<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36090/22275>; grifo da autora.

⁴ Danilo Stank Ribeiro, Mestre em Educação pela UDESC, integrante do grupo Geografias de Experiência do LEPEGE. Contato: danilostankr@gmail.com.

pulso de vida, conforme mostra a imagem 1, limpando os clichês, fazendo surgir uma questão de pesquisa.

Como se fosse um estralo, um clique, um suspiro, e, ao ver a pesquisa da Juliana de Favere⁵, e as linhas que ali se sobrepunham, criando caminhos e encontros que pensei em brincar com a paisagem.

Nelas também tenho um grande encontro com Deleuze e Guattari, Foucault, Freire, e enquanto estava andarilhando pela Universidade, me encontro também com Pennac, Masschelein, Simons e Larrosa nos eventos do *Elogio da Escola*⁶.

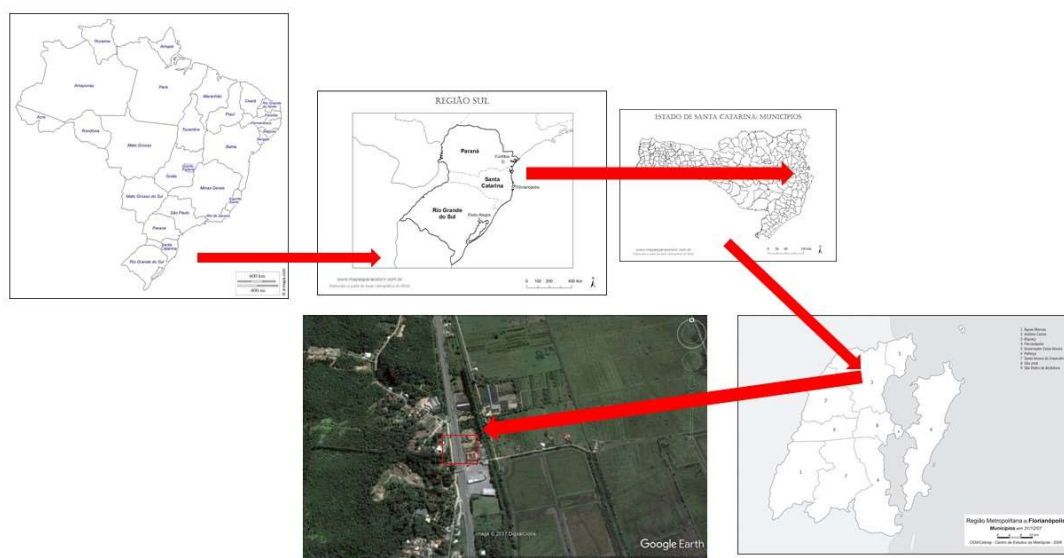
E são nesses encontros entre os anos de 2014 e 2016 que nasce ideias para as brincadeiras que se sucederam nas aulas que serão explicitadas a seguir.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE ESCOLAR

O município de Biguaçu está localizado às margens da BR101, sendo ela uma das responsáveis pelo crescimento populacional da cidade e o seu desenvolvimento econômico. A sua posição geográfica situa-se entre os paralelos 27° 17' e 27°34' de Latitude Sul e entre os meridianos 48°35' e 48°51' de Longitude Oeste.

Faz divisa com os municípios de Governador Celso Ramos e o Oceano Atlântico a leste, a oeste com Antônio Carlos e São João Batista, ao norte com Tijucas, ao sul São José conforme a imagem área de experiência.

ÁREA DE EXPERIÊNCIA



Fonte: Google Earth, imagem editada pela autora.

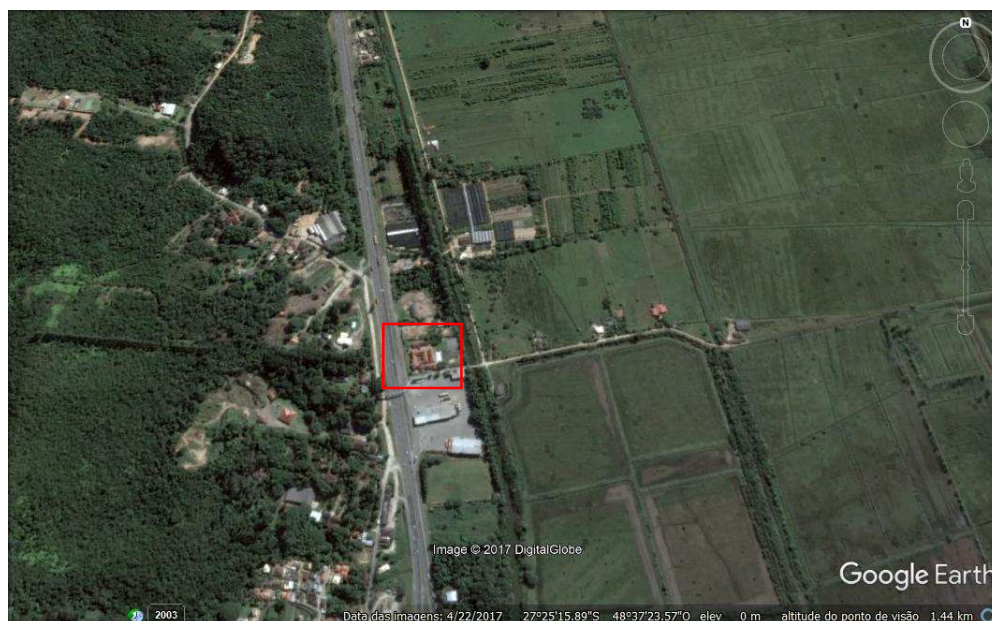
A EEB Cônego Rodolfo Machado tem uma localização interessante, pois como podemos observar na imagem Localização da Escola (marcada com o

⁵ Juliana de Favere é Doutoranda em Educação pelo PPGE/UEDESC.

⁶ Evento organizado em 2016 pelas pesquisadoras: Ana Maria Hoepers Preve, Ana Paula Nunes Chaves, Caroline Jaques Cubas, Geovana Mendonça Lunardi Mendes e Karen Christine Rechia, que dentre as diversas atrações estavam a Oficina de Derivas e o Seminário Especial sobre o livro: Em defesa da Escola: Uma questão pública. Site do evento: <https://www.elogiodaescolaudesc.com/2016>

quadrado vermelho), fica às margens da BR101, não possui nenhum bairro residencial próximo e seus alunos são provenientes de bairros distantes ou das cidades fronteiriças, principalmente de Governador Celso Ramos.

LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA



Fonte: Google Earth, imagem editada pela autora.

BRINCANDO COM A PAISAGEM

Nas aulas que deram corpo a experiência foi retomado com os estudantes os conceitos de paisagem natural e social estudados no 1º bimestre, conceitos que fundamentam a Geografia Escolar de forma a categorizar o espaço.

Com a proposta de socializar material e conhecimento em relação ao tema da aula, intitulado: “As Paisagens Naturais e Sociais da cidade de Biguaçu”, foram formadas duplas com o propósito de elaborar um desenho de paisagem social e natural do município que moravam.

Neste dia compartilhamos várias folhas brancas, lápis de cor, canetas, borrachas, lápis e ideias.

Logo que iniciamos os desenhos diversas dúvidas surgiram: *Tijuquinhas é o Município? Vai até onde? A cachoeira do Amâncio é natural?* Cada uma sendo sanada com os próprios colegas ou com a professora.

Os desenhos foram aparecendo, a arte foi surgindo, ao seu modo, o modo dos alunos, sem muitas regras. A única regra estabelecida era dar um título ao desenho e localizá-lo com o nome do bairro onde o mesmo se encontrava. Apenas o essencial, mundos surgindo, desenhos inaugurando paisagens, tocadas pelos sentimentos, paisagens sentimentais, com seus significados únicos.

Imagem 4



Fonte: arquivo pessoal.

Na aula seguinte, os alunos tiveram a oportunidade de espalhar seus desenhos sobre o papel pardo que foi colocado em sala conforme imagem 4. Uns preferiram juntar as mesas para trabalhar, outros estenderam no chão e outros ainda penduraram o papel pardo com fita na parede da sala, cada turma encontrava a sua melhor maneira de construir, de trabalhar com seus colegas.

Partindo de um ponto de referência que era a escola, de acordo com a orientação—se ficava ao sul, ao norte, oeste ou leste, surgiram mais dúvidas: *onde fica o norte? Quem vem antes, o museu ou a igreja?* Novamente pensamos nas posições antes da colagem das imagens e fomos dando forma ao mapa.

Num terceiro momento os alunos, em função de uma solicitação, trouxeram linhas, cordas, algo que pudesse conectar seus desenhos, de acordo com as imagens 5 e 6.

Imagem 5



Fonte: arquivo pessoal.

Linhas grossas, finas, unicor, coloridas, amarradas em nós. Linhas de costura, crochê, barbante. Vindas de casa, da loja, da gaveta da mãe e da avó. Linhas com função de criar caminhos, estradas não mapeadas, mas sentidas pelos efeitos da amizade.

Imagem 6



Fonte: Arquivo pessoal.

Com suas linhas em mãos, iniciamos a viagem: cada um escolheria outro desenho para viajar, partindo do seu. A ideia inicial era que a escolha fosse pela beleza do desenho ou do lugar que gostariam de visitar, imagem 7.

Imagem 7



Fonte: arquivo pessoal.

Surge então caminhos, criados não com o princípio inicial sugerido pela professora, mas caminhos percebidos pela amizade no cotidiano escolar.

E de dentro da sala de aula partimos pelos caminhos da amizade, o passaporte era o começo, o andar nas diferentes linhas, viajar pelas paisagens criadas.

A Cartografia concebida nestas aulas foi um começo para se pensar outras Cartografias, uma linguagem diferente que se torna a base de um processo de criação, de produzir um novo olhar ou pensar sobre o espaço geográfico, uma linguagem de produção de mundo conforme sugere Oliveira e Girardi (2011, p.4).

Nas aulas que construímos, professora e alunos, a estação final da nossa viagem é a descoberta da possibilidade de fazer diferente, de podermos juntos construir outra coisa, outro mapa, sem cópia, um mapa sem uma imagem de mapa, um mapa menor, não menor em sua importância, mas no sentido de alternar o olhar, a percepção do espaço cartografado, que mexe com a estática do mapa, que está fora da hegemonia que concerne os mapas geográficos escolares, e nem por isso, se torna menos importante.

Como Girardi (2012) aponta, sem um olhar projetionista, não constituído pelos rigores de um mapa dito convencional, com suas escalas, projeções, legendas, rosa-dos-ventos, um mapa singular que apresenta, muito mais que paisagens e lugares, apresenta possibilidades sentimentais no mundo, nas paisagens e nos lugares.

Os encontros com outros autores, as aulas da Ana Preve, as colegas de sala, me fizeram seguir outro caminho, uma outra geografia, uma geografia muito mais intensa, mudando minhas aulas e criando experimentações.

Sigo agora, Mestranda em Educação, decidida a fazer da minha prática em sala, uma prática que vale a pena ser feita, estudar para compreender que os encaixes do cotidiano da vida de uma professora, que apesar de tudo, de todo esforço nasce um fruto, e a semente foi plantada, com muitas mãos amigas, adubada com leituras que valem a pena, e que “todo começo deve ser autêntico e limpo” (JAFFE, 2016).

REFERÊNCIAS:

CAZETTA, Valeria; PREVE, Ana Maria Hoepers. UMA CARTOGRAFIA QUE PODE DANÇAR. Etd: **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 4, p.857-874, nov. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646438>>. Acesso em: 01 out. 2017.

GIRARDI, Gisele. MAPAS ALTERNATIVOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA. **Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 02, p.39-51, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2759/2196>>. Acesso em: 04 out. 2017.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Como escrever com os ruídos do mundo? In: CHAVES, Sílvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de. Formação,

Ciência e Arte: Autobiografia, arte e Ciência na docência. São Paulo: Livraria da Física, 2016. Cap. 5. p. 89-102.

JAFFE, Noemi. **Livro dos Começos.** São Paulo: Cosac Naify, 2016.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: **XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia.**

Goiânia, 2011. Anais do XI ENPEG, Goiânia, 2011, v. 1, p. 1-9.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Cartografias Intensivas: Notas para uma Educação em Geografia. **Geografares**, [s.l.], v. 12, p.50-75, jul. 2012. Geografares.

<http://dx.doi.org/10.7147/geo00.0000>. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3188/2398>>. Acesso em: 04 out. 2017.

PONT, Karina Rousseng Dal. Colômbia de Férias faz a cartografia brincar. **Quaestilo**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p.85-100, maio 2016.